



Mesa redonda: Ciências, tecnologia: deslocamentos epistemológicos e políticos

Adriana María Valobra

Los caminos de la historia de las mujeres y de género

Los estudios históricos sobre la condición de la mujer o los que indican la perspectiva genérica han tenido un desarrollo importante y de gran riqueza analítica en los últimos años. Aquí, intento realizar algunas observaciones acerca de las relaciones de la historia de mujeres y de género teniendo en cuenta cuáles son los cambios epistemológicos que conlleva esta perspectiva, cuáles son las vertientes en las que abrevamos y de qué modo se vincula nuestra producción con historiográfica con la producción científica en general y con los espacios políticos.

Ângela Maria Freire de Lima e Souza

Em novembro de 2001, realizou-se o X Encontro da REDOR – Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher e Relações de Gênero - organizado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM. Já naquela ocasião, as conferências e os trabalhos apresentados de mulheres cientistas do Brasil e da América Latina revelavam que a crítica feminista à ciência se radicalizava, colocando em questão não apenas os procedimentos, mas principalmente seus aspectos epistemológicos.

Em meio a essas reflexões, cientistas brasileiras e latino-americanas têm produzido seus estudos, marcados substancialmente pelo pensamento de feministas de língua inglesa, a exemplo de Sandra Harding, Evelyn Fox Keller, Helen Longino, Jane Flax, Donna Haraway, entre outras. Em um espectro que compreende desde um disfarçado neo-empirismo até o mais transgressor pensamento pós-moderno, as mulheres que produzem conhecimento na área de Gênero e Ciências no nosso continente continuam tentando representar suas muito diferentes vozes, embora tenhamos ainda que concordar com Margareth Rago, que afirmava, em 1998, que, ao menos no Brasil, não se constitui uma teoria do conhecimento de cunho feminista, vez que a questão é pouco debatida e quando existe o debate, ele reflete apenas a tradução do que se discute no hemisfério norte.

Então, decorridos mais de 10 anos desde essas reflexões, urge perguntar: que deslocamentos epistemológicos foram possíveis aos nos apropriarmos do pensamento europeu e/ou norte-americano? Como articulamos nossas batalhas discursivas à política científica?

Em primeiro lugar, ao longo do final do século passado e início deste novo milênio, novos discursos acerca do conhecimento humano sobre C&T foram por nós incorporados, a exemplo da contribuição chinesa ou islâmica; está claro que a Ciência Moderna não dá conta da explicação sobre a ordem do mundo natural ou social. Neste contexto, as mulheres e outros grupos subordinados, também perceberam a incorporação e a legitimação de alguns de seus saberes, apesar da longa história de desqualificação desses mesmos saberes, tomados antes como míticos, ou primitivos. Neste sentido podemos falar de um deslocamento epistemológico importante, que diz respeito à identidade do sujeito do conhecimento: ele agora é multicultural e, para falar da nossa localização temporal e espacial, ele é um dos nossos (ou uma das nossas). Decorre daí um outro deslocamento importante: as noções de neutralidade, objetividade e de boa ciência precisaram ser re-definidas. O viés androcêntrico característico da Ciência Moderna, na qual os conceitos há pouco levantados foram



forjados, é praticamente eliminado nessas novas perspectivas de busca do conhecimento, resultando daí uma revolução paradigmática muito relevante.

Também é muito relevante a crítica feminista aos usos (e abusos) da C& T e seus produtos; freqüentemente estes buscam atender a interesses corporativos que nada tem de comum com os interesses das mulheres; ainda estamos longe de eliminar as ligações insidiosas e muitas vezes espúrias entre o laboratório do cientista e a indústria predadora à qual ele está ligado pro vínculos financeiros dificilmente defensáveis numa perspectiva ética. Neste sentido, políticas de intercâmbio entre grupos de pesquisa de diferentes áreas (incluindo a de Gênero e Ciência) poderiam proporcionar novos olhares e novas perguntas ao protocolo metodológico das diferentes áreas de conhecimento. Considerando-se que as epistemologias feministas constituem muito mais do que filosofia, mas proposições ativas de mudança do paradigma ainda hegemônico de fazer Ciência, é atitude política das mais relevantes trazer à tona esta discussão.

Maria Conceição da Costa

Um resultado visível dos deslocamentos epistemológicos na análise das relações entre mulheres e ciências tem sido, por um lado, a apresentação de indicadores científicos que apontam para a pequena participação das mulheres nas distintas áreas, especialmente nas ciências duras e, por outro, a indicação de sua ausência das práticas científicas ao longo da história. Tais indicadores não existem no caso de alguns países latino-americanos, não estão facilmente disponíveis no caso de outros, ou, como no caso do Brasil, embora disponíveis, não foram ainda implementados como subsídios para políticas de Ciência e Tecnologia. É preciso chamar a atenção para o quanto a questão se torna ainda mais complexa quando se busca incorporar perspectivas de gênero em análises desses indicadores, ou quando se ousa pensar em construir novos indicadores para elaboração de políticas científicas, que contemplem relações de gênero.

A busca de razões para o equacionamento da participação das mulheres no sistema de Ciência e Tecnologia deve ser pesquisada no interior do próprio sistema. Os recursos necessários para fazer pesquisa, preencher postos, obter espaços e laboratórios, conseguir financiamentos são limitados e distribuídos também em nossos países, consistentemente apoiados nos sistemas de julgamento pelos pares.

Em resumo, a relação gênero e ciência nos permitem refletir sobre os modos pelos quais hierarquias de diferença - inclusões e exclusões - foram constituídas na história da ciência, além de nos permitir elaborar uma teoria (feminista) política. As contribuições e exemplos de outros países, podem ser elementos importantes para a reflexão e a para ação política.